

TANGENTE ENTRE A FANTASIA E O RECALCAMENTO: CRIANÇA, UM SER DE IMENSA VERDADE¹

Magda Maria Colao

RESUMO

Ao apreciar uma cena do filme dinamarquês *A caça*, abstraio sobre o recalçamento categoria angular da psicanálise e a fantasia. Recalçamento primário conjectura a presença de uma inscrição sexual no imaginário primitivo da criança, desde o nascimento. Poderá se mostrar operatória em uma estrutura mais avançada do aparelho psíquico, o que irá preparar a instalação do Édipo e de todas as suas vicissitudes, que convém afastar, do registro consciente, sob a pressão de um recalque, gerador do inconsciente, secundário. Antes de serem formados os sistemas Ics/Pcs/Cs, certas experiências cujas significação inexistem para o sujeito são inscritas no Ics e têm acesso à consciência vedado a partir de então. Para Freud o *recalque primevo* consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Com isso, estabelece-se uma fixação. Recalque a posteriori. Este processo afeta os derivados mentais do representante recalçado. Retorno do recalçado: sob forma de sintomas, sonhos, atos falhos, fantasias, etc. A fantasia está na mais estreita relação com o desejo.

PALAVRAS-CHAVES: Sexualidade infantil - Recalçamento - Fantasia

INTRODUÇÃO

Desvendar a realidade nos ajuda a evoluir como seres humanos, formular possibilidades de libertação e descobrir vínculos e sua qualidade dialética. Ousar saber. “A mais extraordinária e provavelmente mais intensa força emocional em Freud era sua paixão pela verdade e fé inabalável pela razão, aprecia Fromm (1965, p. 8). Assimilar uma categoria psicanalítica requer penetrar no seu real sentido, assim como descobrir qual é a verdade de um fenômeno, pessoa ou cena. Este texto, ao mesmo tempo em que busca refletir a categoria do recalçamento, atreve-se mexer com fantasia e realidade estimuladas por uma cena do filme Dinamarquês: *A caça*. Várias questões podem ser pensadas a partir deste filme. Faço um exercício de abstração a partir de uma cena com episódio inquisitivo que constrange uma menina pré-escolar diante do quicá processo de recalçamento entrelaçado com a sua fantasia e a realidade. Até que ponto uma fantasia de criança interfere numa dada realidade? O que faz o recalçamento para o aparelho psíquico? Verdade ou mentira?



A Caça. Filme dinamarquês, direção de Thomas Vinterberg e Lars von Trier.

1. NARRATIVA: CRIANÇA, UM SER DE IMENSA VERDADE

É de todos conhecida a tremenda lógica de uma criança. Como lhe saem as palavras, na medida exata da realidade que sente, logo que sente a ponta da realidade. Está no senso comum: criança não mente. Esta expressão é dita várias vezes no filme *A caça*. A pequena protagonista Klara (K), 5 anos, gosta do seu professor Lucas (L), um excelente educador. A menina fica encantada pela continência do professor e de ver como ele se relaciona e brinca com os meninos, seus coleguinhas. Numa destas brincadeiras, o professor cai no chão e dramatiza estar morto. Os demais meninos tocam nele, fazem cosquinhas nele e Klara se joga para cima dele. Com vontade, espontaneamente, beija-o

Trabalho apresentado na Jornada de Psicanálise de 9/11/2013 do Círculo Psicanalítico do RS.

na boca. Rapidamente, o professor afasta-a e se levanta. A menina fica frustrada em sua demanda de afeto. Ela sai envergonhada da sala. Em seguida Lucas a chama, tenta falar e lhe diz que encontrou em seu bolso, um pequeno presente. Um coração que fora confeccionado pela menina. Lucas coloca limites à garota. Frustrada, dialoga com a diretora escolar, expressando sua fantasia.

<p>Recorte do diálogo do prof./aluna Klara: L- "Klara, encontrei um pequeno presente no meu bolso" [a menina faz uma expressão de felicidade], mas diz o prof.: "ofereça isto a um amigo seu". Imediatamente a cena traz a tona nuances do recalcado. K- Isto não é meu. [Responde a criança mexendo o nariz, sinal de quando mente]. L- Mas está escrito seu nome. K- Qualquer um pode fazer piada. L- Entregue isto a sua mãe ou a quem fez. E quanto a beijos na boca são para papai e mamãe. K- Você está mentindo.</p>	<p>[A menina mexe o nariz, expressa frustração, sentimento de raiva porque se sentiu rejeitada] Isto não é meu. E ao sair dali, momentos depois, expressa a diretora (D): Diálogo da diretora/Klara: K-Detesto o Lucas. D- Pensei que era amigo seu. K- Não. Ele é idiota, não é bonito e tem pipi grande. D- Sim, os homens, teu pai tem pipi grande. É normal. K- O dele é duro com um bastão. E ele me ofereceu isto (o coração que ela havia feito para ele).</p>
---	--

Percebo nesta narrativa, pela brilhante representação cinematográfica e a dramatização perfeita da personagem Klara, que as crianças tencionam alguma coisa por suas expressões, e essas reações apresentam um significado linguístico. O comportamento de Klara, insinuando abuso sexual, denota nuances de diferentes sintomas e estados psíquicos. A riqueza do filme evidencia a existência "didática" de um entrelaçamento da teoria da sexualidade infantil como organizadora da estrutura da personalidade de Klara, bem como sugere a tangência entre fantasia e recalçamento. É duríssimo viver na presença de uma criança, se, dentro do coração, houver razões ou propensões de vida, que contrariam a alma cândida da criança. A família de Klara é de um cotidiano corriqueiro com frequentes discussões e discreta negligência. Por exemplo, a mãe esquece de ir buscá-la ou chega atrasada na escola para apanhá-la. Não é por acaso que uma ocasião ao tentar ir para casa sozinha, a menina se confunde no caminho e se encontra com Lucas e confessa que está perdida. Diz não se lembrar de como ir para sua casa. No desenrolar do filme se faz a caçada da trama dramática. No contexto de Klara, a leitura vem à tona ao espectador: seu irmão a abusava, e era submetida a ficar em segredo, calada. Os detalhes do filme são importantes na medida em que Klara denuncia o abuso sexual como se fosse o professor seu abusador. Abusar de uma criança é crime tanto quanto o crime de lesa-educação habituar uma criança a pensar uma coisa e a viver outra inteiramente outra. Freud (1905, 1989) sustenta em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que é um erro de pesadas consequências ignorar a existência da sexualidade infantil. Klara em sua casa presencia cenas obscenas com seu irmão adolescente em companhia de amigos os quais curtem falar sobre sites, revistas de pornografia. Há assuntos impróprios para uma criança que tangenciam a convivência familiar e registra marcas na criança, como "pecados íntimo/secretos". Ao aprofundar-me acerca das **manifestações sexuais infantis**, abstraio os traços essenciais da pulsão sexual; compreendo a evolução deste impulso e vejo pelos olhos freudianos, como as manifestações se alimentam de fontes

diversas. Escreve Freud (1905, 1989, p. 162): “nenhum autor ao que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância, e, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre o “Desenvolvimento Sexual” costuma ser omitido”. O ser humano, latentemente, conserva dentro de si a criança que foi ou ainda será e que poderá, de uma hora para outra, aparentar, simular, dar notícias de sua viva presença.

Como a criança, o psicanalista também tem de se ver no seu trabalho diário com o binômio fantasia/realidade num intercâmbio dinâmico que se dá em ambos os sentidos dependendo dos componentes e das condições em jogo. Com Freud, tenho aprendido que o ponto central para o contato com a realidade está contido nas expectativas a respeito da realidade e que existem duas realidades: a realidade interna e a realidade externa. Enfim, o inconsciente é um só. Como conjugar fantasia/realidade/recalque? Que é verdade ou mentira na fala de uma criança? Qual o papel do recalque a respeito da sexualidade infantil e dos destinos das pulsões? Qual é o sentido que a sentença de Klara - declara - ao expressar à diretora e ao inspetor educacional o efeito de uma ideia, quiçá, em processo de recalque? A semântica de base intencional da verdade de Klara veio a condenar seu professor. Mesmo embora não haja receita especial para identificar a *diérese* de um recalque, aprendo e reconheço vicissitudes do entorno da sexualidade infantil, das fantasias e da ação do recalque. Sigo o passo a passo desta compreensão psicanalítica como se fosse um filme acontecendo nesta retomada de término de etapa de formação psicanalítica.

2. RECALCAMENTO OU RECALQUE - a: VERDRÄNGUNG es: REPRESSION

Grazia-Rosa (1996, p. 164) afirma que Recalque é sem dúvida alguma um dos conceitos mais importantes da metapsicologia. Freudiana e esta importância pode ser atestada pela afirmação contida em A história do movimento psicanalítico, onde Freud declara que “o recalque é o pilar fundamental sobre o qual descansa o edifício da psicanálise” Enfatiza Laplanche e Pontalis (1992, p. 432): “A teoria do recalque é a pedra angular em que se assenta todo o edifício da psicanálise [...] O recalque se impôs desde os primeiros tratamentos dos histéricos, em que Freud verificou que as lembranças não estão disponíveis para os pacientes mas conservam, quando descobertas, toda a sua vivacidade”. Continua a nota: “O recalque é uma operação dinâmica implicando a manutenção de um contra-investimento e sempre susceptível de ser posta em causa pela força do desejo inconsciente que procura retornar às Cs e à motilidade”. (LAPLANCHE, 1992, p. 432). O autor sugere ver “formação de compromisso”. Salienta Garcia-Roza (1996) que antes de Freud vários outros autores fizeram uso do termo *Verdrängung*. Recalque é também um mecanismo defensivo.

O recalque é o mecanismo de defesa mais antigo, e o mais importante; foi descrito por Freud desde 1895. Está estritamente ligada a noção de inconsciente e é um processo através do qual se elimina da consciência partes inteiras da vida afetiva e relacional profunda.

Sob este aspecto estritamente funcional, o recalque é indispensável à simplificação da existência corrente e não implica sempre uma presunção mórbida. Quando entra em cena de maneira

patológica trata-se de organizações neuróticas ou sistemas de modo neurótico (mesmo no seio de estruturais diferentes) (BERGERET, 2006, p. 98). Klara quando inquerida diante do inspetor de ensino mantinha-se com a postura de não se lembrar. O recalçamento no sentido próprio é: “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no Ics representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. “O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar a outras exigências”, registram Laplanche e Pontalis (1992, p. 430). Por que atribuo a ação da fantasia e do recalque em Klara?

Freud (1915) em seu artigo metapsicológico sobre o recalçamento se questiona sobre por que deve um impulso pulsional sofrer tal vicissitude (ser recalçada, tendo seu acesso negado), já que a satisfação de um impulso sempre provoca prazer. Klara foi duplamente castrada pelo professor ao rejeitar sua demanda de afeto. Seria necessário supor a existência de certas circunstâncias peculiares, algum processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer. Klara reage sintomaticamente quando é confrontada. O limite lhe é imposto por Lucas quando este lhe proporciona tomada de realidade. O professor também se apercebe que há implicância, como sinal de amor de Klara para consigo. Segundo Freud (1996, p. 191): “provoca-se o que se ama”. A menina não sabe das consequências da expressão de sua fantasia, assim como a criança não tem consciência do conteúdo recalçado.

“O recalque não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início, afirma Freud. Desde o início de quê? Desde o início da formação do aparato psíquico. Já vimos que o aparato psíquico forma-se aos poucos, escreve Garcia-Rosa (1996, p. 176). Só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente. O recalçamento só está presente a partir da divisão entre sistema consciente/pré-consciente e sistema inconsciente. Antes de a organização mental alcançar essa fase a tarefa de rechaçar os impulsos pulsionais cabia à outras vicissitudes, as quais as pulsões podem estar sujeitas. O recalque não faz parte dos processos defensivos mais primários. “É um mecanismo bastante “nobre”, porque se refere às elaborações genitais, em seguida por revelarem-se custos, enfim porque se apresenta como bastante confortável, em relação a todo grupo de mecanismos mais elementares”. (BERGERET, 2006, p. 98). O filme, sugere um processo arcaico, regredido, o enredo acerca do clima do vilarejo ao tratar Lucas como bode expiatório. Para Bergeret (2006, p. 98): “o recalçamento pode ser definido como um processo ativo, destinado a conservar fora da Cs as representações inaceitáveis”.

Entre os anos 1911-1915 Freud dedicou-se a apresentar uma teoria articulada do processo de recalque, distinguindo nele diversos momentos.. Laplanche e Pontalis (1992) consideram a teoria do recalque desde a teoria da sedução como um a primeira tentativa sistemática para explicar o recalque, pois não isola a descrição do mecanismo do objeto sobre o qual este incide de preferência, isto é, a sexualidade.

No seu artigo *O recalque* (1915) Freud distingue um recalque no sentido amplo (compreendendo 3 momentos) e um recalque em sentido restrito que não passa do segundo momento

do precedente. O primeiro momento seria um recalque originário [não incide sobre a pulsão enquanto tal, sem acesso à Cs, mas fica a pulsão] Vejamos passo a passo.

2.1. Recalcamento Primário

É o resto de uma época arcaica, individual ou coletiva, em que toda representação incômoda (imagens da cena primitiva, de ameaças à vida ou seduções pelo adulto) se encontrava automática e imediatamente recalcada, sem ter-se tornado consciente; é o pólo atrativo a seguir, os pontos de fixação dos recalcos ulteriores relacionando-se aos mesmos gêneros de representações, pensa Bergeret (2006, p. 99).

O recalco primário para Bergeret (2006) conjectura a presença de uma inscrição sexual no imaginário primitivo da criança, desde o nascimento. E pressupõe também a impossibilidade dessa inscrição sexual se tornar, desde já operatória, em razão de um recalco primário imediato. A inscrição sexual primitiva só poderá se mostrar operatória em uma estrutura mais avançada do aparelho psíquico, o que irá preparar a instalação do Édipo e de todas as suas vicissitudes, que convém, afastar, do registro consciente, sob a pressão de um recalco., gerador do Ics secundário.

Antes de serem formados os sistemas Ics/Pcs/Cs, certas experiências cujas significação inexistem para o sujeito são inscritas no Ics e têm acesso à consciência vedado a partir de então. Essas inscrições vão funcionar como recalco original que servirá de pólo de atração para o recalco propriamente dito. Para Freud este *recalco primevo* consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Com isso, estabelece-se uma fixação, ou inscrição, ou seja, primórdios do recalco. Recalco originário corresponde a um momento anterior à constituição do Ics.

2.2. Recalcamento Secundário.

Consiste em um duplo movimento de atração pelas fixações do recalco primário e da repulsão pelas instâncias proibidoras: superego (e ego, à medida que se torna aliado do superego).(BERGERET,2006, p. 99).

Para Freud (1915) este processo afeta os derivados mentais do representante recalco, ou sucessão de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com el. Por causa dessa associação, essas ideias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primeiramente recalco. Ou seja, o recalco não é suficiente a ação exercida pelo sistema Pcs-Cs, é necessário também a ação exercida por representantes Ic. Garcia-Roza (1996) diz que o que ocorre no recalco originário não é nem um investimento por parte do Ics, nem um desinvestimento por parte do Pcs/Cs, mas um contra-investimento. No caso, a noção de contra-investimento está sendo utilizada para designar uma defesa contra o excesso de excitação do exterior, capaz de romper o estudo contra os estímulos. O recalco incide sobre um representante pulsional, sobre uma pulsão. Há um *quantum* de afeto e os destinos de cada dos representantes pulsionais são diversos. “O afeto não é recalco, o que não quer dizer que se mantenha indiferente à ação do recalco”, escreve Garcia-Roza (1996, p. 201).

2.3. Retorno do Recalco

Por fim o terceiro momento “retorno do recalçado” sob forma de sintomas, sonhos, atos falhos, etc. O recalque reserva a cada um deles um destino distinto, inteiramente individual, segundo o seu grau de deformação, o seu estado do núcleo Ics ou seu valor afetivo. Sobre o que incide o recalque?

A operação do recalque pode ser encarada no triplo registro da metapsicologia do ponto de vista: 1) **tópico** (censura); 2) **econômico** (desinvestimento, reinvestimento e contra-investimento incidindo nos representantes da pulsão); 3) **dinâmico** (os motivos do recalque, pulsão, satisfação, prazer, acaba por suscitar desprazer que desencadeia a operação do recalque, defesa). Portanto, o recalçamento não pode impedir que as representações recalçadas se organizem no Ics., se enlacem de forma sutil e deem mesmo nascimento a novos derivados, que irão tentar se manifestar no nível do consciente. Explica Bergeret (2006) que o retorno do recalçado pode consistir ou em uma simples “escapada” do processo de recalçamento, válvula de escape funcional e útil (sonho, fantasia), ou em uma forma às vezes já menos anódina (lapsos, atos falhos) ou ainda, em manifestações patológicas de fracasso real do recalçamento (sintomas).

As formações substitutivas, as formações de compromisso e os sintomas são fenômeno que assinalam o retorno do recalçado. O recalçamento não organiza essas formações. Tem vicissitudes e podem perpassar pelos sintomas, sonhos, atos falhos, fantasias. O vilarinho dinamarquês, no enredo dominado por um furor maníaco, passa a conceber “em Lucas a encarnação dos males mais profundos da coletividade. Conflitos ligados a possíveis desejos incestuosos reprimidos fazem o professor depositário desses impulsos, vivenciados com repugnância pela comunidade”, extrai Paladino (2013, p. 12). Nesta seara tempestiva Klara naturalmente elabora suas fantasias.

3. FANTASIAS

A fantasia é um roteiro imaginário “em que o sujeito está presente e que representa de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente, diz Laplanche e Pontalis (1992, p. 169). A fantasia em psicanálise tem emprego muito extenso. Freud encontrou na fantasia um ponto, e aqui atribuo o sentido de tangência entre fantasia e recalque. “As fantasias chegam bem perto da consciência e ali permanecem sem serem perturbadas enquanto não tem um investimento intenso, mas são repelidas logo que ultrapassam um certo nível de investimento. (LAPLANCHE/ PONTALIS, 1992, p. 171).

O recalque, não é um fato que acontece uma vez, produzindo resultados permanentes: ele exige um dispêndio persistente de força, e se esta viesse a cessar, o êxito do recalque correria perigo, tornando necessário um novo ato de recalque. O recalçado exerce uma pressão contínua em direção ao consciente, exigindo uma contrapressão incessante.

Questionam Pontalis e Laplanche (1992, p. 172): “Pode-se dizer que as primeiras fantasias de objeto, objetos fantasísticos são fantasias de objeto, objetos fantasísticos que o desejo visaria como necessidade visa o seu objeto natural? A relação entre fantasia e o desejo parece-nos mais complexa.

Mesmo nas suas formas menos elaboradas, a fantasia surge como irreduzível a um objetivo intencional do sujeito desejante” - que de certa forma também são defesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tangência entre a fantasia e o recalque, sugeriu-me: um movimento de uma fixação no processo de um sintoma, entre outros conceitos da metapsicologia, o recalque. Uma pessoa pode reprimir uma outra diz Garcia-Roza (1996, 165), “no sentido de impedir um ato ou uma palavra dessa outra, mas uma pessoa não pode recalcar uma outra. Quando muito podemos criar condições para que o recalque se faça, mas ele será sempre um processo interno a alguém”. Em decorrência da censura, o desejo tem que permanecer Ics, podendo retornar, por exemplo, sob forma de sintoma ou procurar expressão através do sonho, fantasia. (GARCIA-ROSA, 1996, p. 173).

Assim como o filme instiga outras questões a serem refletidas em psicanálise, por exemplo, funcionamento grupal, fica o debate: que mede o Ics no Pcs e na Cs é o recalque? Seja qual for a condição, o recalque nunca se dá em sua forma original e sem conflito. O material recalado está submetido a uma deformação devido às demandas da censura. A pequena Klara fantasiando, expressa a emoção, a qual habita o desejo. As coisas nem sempre são óbvias. As categorias fantasia e recalque fazem parte da estruturação psíquica. As crianças as processam como indicativos mentais de suas convenções em relação às suas sentenças declarativas e contextos. Fantasiar é uma delícia para a criança, mas no mundo adulto nem sempre há escuta, preparo para compreender as fantasias do mundo infantil.

REFERÊNCIAS

BERGERET, J. Psicopatologia teoria e clínica. 9. ed. São Paulo: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund (1915). O recalque. Edições Standart Brasileira. Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, Erich. A missão de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PALADINO, Erane. O contágio da brutalidade. In: MENTE E CÉREBRO. São Paulo, nº 247, 2013, p. 12-13.

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996. Vol. 3.

MOURA, Joviane de. <http://psicologado.com/abordagens/psicanalise/recalque-die-verdringung> .